

OTHON D'EÇA

CINZA E BRUMA
E
POEMAS DISPERSOS



Edição Comemorativa do Centenário

FCC
EDIÇÕES

FBB
FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL

EDITORA
DAUFSC

Em poucas linhas é difícil dizer de alguém que, sendo um, foi muitos, de uma personalidade admiravelmente dotada, plena e esfuziante, contudo, a largos traços rasbique-mos um perfil ligeiro lembrando que em geral o homem de letras põe o coração a serviço da inteligência, enquanto Othon d'Eça colocava o intelecto a reboque do sentimento, sem deixar de observar que por certo houve quem por igual ou melhor versejasse, estilizasse a frase, explicasse a lei, dadivasse afeto, porém cremos duvidoso encontrar-se tantos predicados numa única pessoa, tal como nele desbordavam, advertindo ainda que não se contentou em compor poesias, fazendo da própria vida um poema, e acrescentando não se ter consagrado somente pelo saber, também por transmiti-lo em lições claras vazadas em ameno humor, ensinando sem pretensões e iluminando sem ofuscar; seria pouco qualificá-lo de inspirado, era inspirador; defini-lo como loquaz, era cativante; não só estímulo, apoio; não só gentileza, sinceridade, e não sendo isoladamente um poeta, um pensador, um jurista, um mestre, um amigo, um líder, foi tudo isto numa versão do ser humano em modelo aperfeiçoado.



Paixão
de **LER**

(48) 3622 1721

sebocyber@hotmail.com

...STE
...LTDA.

1844
L. B. de
L. B. de
L. B. de

CINZA E BRUMA
E
POEMAS DISPERSOS



R

OTHON D'EÇA

CINZA E BRUMA
E
POEMAS DISPERSOS

Edição Comemorativa do Centenário

1992

CASCA DE BERT
LIBRARIAS ALTERNATIVAS
1992



© família de Othon da Gama Lobo d'Eça.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA

Av. Rio Branco, 387 — 6º andar
88015-201 — Florianópolis, SC

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL

Agência Centro do Banco do Brasil
88010-400 — Florianópolis, SC

EDITORA DA UFSC

Campus Universitário — Trindade
88040-900 — Florianópolis, SC

Organização de Originals

DANILA CARNEIRO DA CUNHA LUZ VARELLA

Coordenação editorial
FLÁVIO JOSÉ CARDOZO

Revisão
LAURO JUNKES

Capa
JAYRO SCHMIDT

Arte-final
PAULO SILVEIRA

1ª edição de *Cinza e Bruma*: 1918

D291c

D'Eça, Othon, 1892-1965.

Cinza e bruma e Poemas dispersos/
Othon d'Eça; estudo crítico de Lauro
Junkes. — Florianópolis: FCC: Fundação
Banco do Brasil; Editora da UFSC, 1992.
106p.

"Edição comemorativa do Centenário".

1. Literatura brasileira — Poesias I.
Junkes, Lauro, 1942 — II. Título. III. Título:
Poemas dispersos.

CDD-B869.1
CDU-869.0 (81)-1

SUMÁRIO

Apresentação	9
Desterro: das brumas às cantigas ilhoas	11

CINZA E BRUMA

O LIVRO DA SAUDADE

(Cinza e Bruma! . . .)	29
Desterro, alma do mar e da saudade	31
Na casa de Lobão	32
Alma sem corpo	34
Evocação	35
Longes brancos	36
Papoula branca	37

FOLHAS MORTAS

A derradeira lembrança	41
Eu e a noite	42
Drozero vitae	44
Mal do mundo	46
As três sombras	47
Elegia do inverno	48
Ciganos	50
Quando as amendoeiras floriram	52
Legenda antiga	53
Prosa enferma	55

POEMAS DISPERSOS

Minha ilha	59
------------------	----

Cantigas ilhoas (I)	61
Cantigas ilhoas (II)	62
Cantigas ilhoas (III)	63
Cantigas ilhoas (IV)	64
Cantigas ilhoas (V)	65
Poemas da minha ilha	68
Versos do meu exílio	69
No exílio	70
As falas das areias	72
Marinha	73
A lua e a ponte	74
Elegia da neve	75
Baladas do silêncio	77
Velas	78
Manchas	79
Balada da árvore	80
O besouro	82
O fumo do meu cigarro	83
Noturno	85
Dor sem orlas	86
Renúncia	87
Profissão de fé	88
Misteriosa	89
Esses teus dedos.	90
Sinfonia pagã	91
Meditação	92
Flor de haxixe	93
Paradoxal	94
Diálogo romântico	95
Milagre de amor	96
O milagre do teu nome	98
Natal do céu	99
Romance	100
A velha figueira do jardim	101
Os onze do morro	103

APRESENTAÇÃO

Que realce melhor poderia ser dado ao transcurso, no corrente ano, do centenário de nascimento de Othon d'Eça senão fazendo a publicação de sua obra?

O que o escritor nos deixou em livro não contou ainda com a difusão merecida.

Cinza e bruma teve uma edição em 1918, no Rio de Janeiro, e constitui hoje preciosidade de bibliófilo; Vindita braba apareceu somente na imprensa (jornal "República", de Florianópolis, em 1923, e "Revista do Brasil", de São Paulo, em 1924); . . . Aos espanhóis confinantes foi publicado em 1929 e dele restam raríssimos exemplares; Nuestra Señora de l'Asunción não foi além do jornal ("O Estado", 1956). Homens e algas, de todos o mais importante, conheceu um pouco mais de divulgação: lançado em 1957 com o apoio da Imprensa Oficial, foi republicado em 1978, também por iniciativa do governo do Estado.

Era mais do que necessário, portanto, resgatar para o leitor dos nossos dias os livros de Othon d'Eça e a passagem do centenário apresentou-se como o momento ideal.

Com base nos textos levantados e revistos pela professora Danila Carneiro da Cunha Luz Varella, a Fundação Catarinense de Cultura elaborou um projeto de edição dos cinco títulos e pleiteou o apoio financeiro da Fundação Banco do Brasil, através da agência central do Banco em Florianópolis. A resposta da entidade, cuja adesão a promoções culturais já se tornou tão conhecida no País, não podia ter sido mais positiva. A ela ficamos muito gratos.

Agradecemos também aos escritores Lauro Junkes, Celestino Sachet, Enéas Athanázio e C. Ronald Schmidt pelos textos introdutórios que elaboraram para a presente edição comemorativa.

Florianópolis, outubro de 1992

Iaponan Soares

Diretor Geral

Fundação Catarinense de Cultura

DESTERRO: DAS BRUMAS ÀS CANTIGAS ILHOAS

Lauro Junkes

1. Personalidade multiforme — magistrado, administrador público, professor catedrático, orador; artista polifacetado — ficcionista, cronista, poeta, músico e pianista, apreciador de artes plásticas e colecionador de antigüidades; intelectual de pujante inteligência e cultura, Othon da Gama Lobo d'Eça foi, ao mesmo tempo, um idealista irrequieto de altos vôos e uma alma simples que apreciava sobremaneira conviver e conversar com os pescadores incultos e com as pessoas simples do povo que conservavam a singeleza de hábitos, crenças e vivências marcantes da tradição açoriana.

Sua obra literária formou-se impregnada dessa mundividência popular, consubstanciando-se na expressão máxima do humanismo poético de Homens e Algas. Considerado poeta esporádico ou bissexto, de fato a poesia fundamentava toda a sua vida e sua obra também em prosa. Sua produção especificamente poética compreende dois conjuntos: o livro de estréia Cinza e Bruma e uma série de poemas que deixou esparsos em jornais e revistas ou inéditos.

2. Iniciando sua expressão nas letras num período de indefinições, no segundo decênio deste século, Othon d'Eça enveredou por características de estilo ligadas ao simbolismo-decadentismo. Para esclarecer um pouco a atmosfera em que se formou a poesia desse homem de província, quando o próprio centro cultural do Brasil já recebia com atraso as idéias artísticas da Europa, convém retroceder para um rápido panorama.

Na sociedade européia da segunda metade do século XIX, a partir de Poe (1809-1849), lido, traduzido e assimilado por

Baudelaire (1821-1867), consolidou-se, por volta de 1880, a idéia da decadência, que representava, em Huysmans, a revolta contra a sociedade burguesa e sua moral familiar. Resolvem os adeptos da nova escola extravasar seu mal-estar profundo ante a civilização industrial, o cientificismo e a moral burguesa que materializava o ser humano. Para o decadente, "tudo é abismo", degenerescência, temor e insegurança, segundo o verso de Baudelaire: "Tout plein de vague horreur, menant on ne sait où". Se a tônica intencional parnasiana recaía sobre o "objeto", exterior e impessoal, a matéria profana e racional, agora a tônica voltava-se para a transcendência à matéria, numa espiritualidade vaga e emotividade difusa. O sujeito esmagado na engrenagem industrial-capitalista opõe uma vigorosa reação (Bosi, 1975:294). Dostoievski (romance), Baudelaire (poesia) e Nietzsche (filosofia) ansiavam por valores transcendentais, que superassem o mal-estar da razão e da ciência na industrialização. Embora caíssem predominantemente no Nada, almejavam de fato um Absoluto, mesmo no vago indefinido, nas analogias sensórias e espiritualistas. Nesse anseio por atingir um real na totalidade, uma compensação para o malogro aconteceu no grupo que cultuou a arte pela arte, o trabalho puramente formal, a religião do verso. Se a sociedade tecnológico-industrial-urbana, com seu materialismo e rotina e sua vida social artificial, não comportava mais a função do poeta, este concentrava sua missão no exercício formal da arte. Mas, artistas como Flaubert, Baudelaire, Mallarmé e outros voltaram a apreciar o sujeito.

Com seu artigo "Théorie de la décadence", de 1881, Paul Bourget conferiu a designação de "decadente" à nova geração de Verlaine (1844-1896) e seus Poètes Maudits. A linha "decadente" segue mais o materialismo de Verlaine, servindo um verso deste de emblema: "Je suis l'empire à la fin de la décadence". Se de um lado os apetites sensuais em gozo desenfreado de luxo, prazer e sensações estranhas de tóxicos caracterizavam a sociedade industrial, por outro, as consciências poéticas impregnavam-se de pessimismo, tédio, numa impressão de que os costumes, a religião, a justiça, tudo entrava em crise, degenerescência e deliquescência, estando um caos apocalíptico a explodir em satanismo, neuroses, anarquia, perversões. O artigo de Bourget difundiu a idéia da decadência, unindo Verlaine com o Baudelaire de misticismo liber-

lino, pessimista e inadaptado ao mundo.

Em 1885, Jean Moréas propõe a substituição do nome decadente pelo de simbolista, degladiando-se as duas correntes até que o artigo que Moréas publicou no "Figaro Littéraire", em 1886, considerado manifesto da escola, define mais generalizadamente a denominação de "simbolismo". (Coutinho, 1968: 213 ss). Sobre o decadentismo verlainiano acaba vencendo o simbolismo de Mallarmé (1842-1898), deslocando-se do sensualismo, experiência dos sentidos, para um espiritualismo, mundo das idéias e para a poesia pura. Baudelaire pairava acima das tendências particulares (Hauser, 1932: 1068 ss.).

Se para Baudelaire a imaginação é essencial e recriadora da realidade, seu soneto "Correspondences" retrata a natureza como um templo pelo qual passam os seres humanos, num misticismo natural, baseado nas "florestas de símbolos" — abrindo caminho para os simbolistas em geral criarem uma atmosfera espiritual para o mundo. Ultrapassando a superfície consciente, os poetas passam a sondar camadas interiores, a incursionar pelo "eu profundo" que escapa da lógica e ostenta aparente caos, fazendo aflorar "imagens primordiais" — os arquétipos clareados por Jung, revelando a força da intuição. Diante do inefável, que ultrapassa o material, desenvolvem eles o poder da sugestão, tencionando, como sintetiza Edmund Wilson (1985: 21), "fazer da poesia uma questão de sensações e emoções do indivíduo". A subjetividade, evidentemente, está na base da teoria simbolista, com sua musicalidade, seu poder de evocação e sugestão, sua diluição das fronteiras do real concreto nas nuances, cultivando, com Verlaine, "o Vago do coração, o claro-escuro das sensações, o indeciso dos estados de alma", segundo anota Domício Proença (1969: 243).

As denominações de decadentismo e simbolismo, com as posteriores de penumbrismo e crepusculismo, não demarcam diferenciações muito salientes, conservando basicamente a reação do sujeito sensitivo a transcender à pura exterioridade impessoal do objeto, sem cair no confessionalismo romântico — caminho com que Baudelaire abriu os horizontes da modernidade (Friedrich, 1978: 35 ss.).

3. Cinza e Bruma, o livro de estréia de Othon d'Eça, publicado

em maio de 1918, já denuncia no próprio título a tendência decadentista-simbolista ou penumbriista, como especificam diferentes referências. Trata-se de um conjunto de textos em prosa poética, cuja temática fundamental envolve a Saudade, a Melancolia, as Sombras, o Sonho, bem na linha da vaga diluição abstrata dos simbolistas, de quem conserva também a tendência a absolutizar termos essenciais, destacados em maiúsculas. A página de abertura, manifestando as tonalidades da escola, propõe o tema/tom central: o Outono, com o cair das folhas, o ermo da paisagem triste, as árvores chorando "com Saudades da Primavera", quando "a Alma das Cousas salmodia as canções do Passado — no Silêncio cinzento dos caminhos. . .", tempo de Melancolia e Tédio, de Sombras e névoas, de crepúsculos lívidos e Saudades, voltado para o Passado, "irmão mais triste da Tranqüilidade". A primeira parte desvela o "Livro da Saudade", que denuncia a decadência do presente, ermo e sombrio, voltado para o passado. Na segunda parte, as "Folhas Mortas" prosseguem a delinear a atmosfera noturna, vaga e penumbrosa, que cerca a vida, a matéria encerrando os sonhos de transcendência, num platonismo cruzesouseano.

Algumas coordenadas básicas orientam o conteúdo dos poemas: Inverno, Distância, Saudade, Desterro. O distanciamento não se define claramente se referente ao tempo ou ao espaço em relação à Desterro. O fato é que o poeta se volta, saudoso, para sua amada cidade, sua "Desterro, Alma do Mar e da Saudade", a Desterro que "é o poema de pedra da tranqüilidade", a Desterro que "é a Tristeza que parou à beira do mar! . . . Do mar sempre enamorado de sua Sombra. . . vaga. . . contemplativa. . . feita das sete dores da Saudade. . .". Nesse clima vagamente saudoso, há constantes referências ao inverno, às "manhãs engessadas de inverno", ao "Inverno na minha Ilha", à "Elegia do Inverno". O inverno desencadeia atmosfera propícia ao estado de alma do poeta: "Quando o Inverno chega, derramando das ânforas infinitas as Horas de Cinzas e os Silêncios de Névoas, as almas dos contemplativos enchem-se de fantasmas. . . Saudades de si mesmo. . . Sombras do Passado. . .".

Tudo se dilui em vagas sensações ("Vagos restos de Noite espreitam das minhas retinas, pondo Visões de Sombras nas paredes, ermas presenças nas cousas, que me rodeiam. . ."),

em sombras e penumbras ("Na sombra é que melhor se sente a Alma"; "Luz diluída em maciezas de veludos. . ."), em distâncias ("A Distância é a sombra da Morte esparsa sobre as coisas"), em tédios ("Num dia cheio de Tédio, quando dentro de mim só existiam estranhas impressões de Ausências. . ."; "Porque depois vem o Tédio, velho Monge ressuscitado, cantar, em surdinas de languidez, a elegia mortal dos sepulcros vazios. . ."). E então, constatando que "a Vida tem duas faces. Uma para o Sol e outra para a Sombra", resta sobremaneira ressaltada aquela voltada "para a Sombra".

O tom dominante relaciona-se sempre com a melancolia, a tristeza, o tédio, tudo em decorrência de vagas "Saudades das Distâncias que não vejo. . .", ou seja, dos "dias de exílios". Os ritmos são adequadamente lentos. A absolutização simbolista em maiúsculas indica bem o direcionamento semântico-psicológico de alguns termos-chave, como: Penumbra, Sombra, Melancolia, Inverno, Sonho, Tristeza, Saudade, Silêncio, Ermo, Noite, Cinzas, Tédio, Ausência. . . tudo ligado, numa fusão eu-paisagem-história, com a denominação resgatada de "Desterro", da "Dorida Senhora do Desterro" (tão indevidamente substituída em 1894 pela de Florianópolis, nos jogos interesseiros das paixões políticas). A busca da musicalidade simbolista também se evidencia: "lenta e doce Harmonia rolava pelos telhados, música feita de névoas, como pedaços brancos de cristais diluídos em sons!. . ."

Por vezes, certos conceitos poéticos se impõem como sentenças reflexivas: "Desterro é o poema de pedra da tranqüilidade", "O luar é o sorriso irônico dum Fantasma"; "A realidade é uma caveira com os olhos ainda cheios de terra. . .". E o poeta sensível, se experimenta uma certa fusão com a natureza/passado, não se integra no real social presente: "Ó Noite! Eu te Exalto e Bendigo, na Melancolia do meu Paço deserto, porque me suspendes na Vida. . . isolas-me do ruído. . . dá-me a impressão de que só existo em Essência. . .". Diferentemente do poeta das "Cantigas Ilhoas" ou do prosador de Homens e Algas, ressoa aqui uma certa comunhão com Baudelaire e Flaubert que, na busca do belo essencial, mesmo no banal simplório, mas não puramente material, mantinham o ódio à vulgaridade burguesa e material, além das notas de satanismo e de apaziguamento na morfina e no absinto. Mas ressoa forte, também, o platonismo cruzesouseano do

"Cárcere das Almas", na referência ao "Mal do Mundo", matéria e corpo impregnados de satã, aprisionando os vãos espirituais: "A minha Alma. . . triste mocho que habita, há mais de vinte anos, a Torre escura e deserta do MEU CORPO" ou "No escuro nicho do meu corpo a minha alma reentrou. . .". O texto final, nesse sentido, é bem representativo. A Realidade é apenas uma caveira ilusória e, nela, o Homem depende inteiramente da Divina Quimera, sem a qual "só o Fantasma dos Sentidos integra-o na Vida, descorporificando-o", pois "No Mundo tudo deve ser aparências. . . Sombras. . . tecidos de gaze ao vento", lembrando a alegoria da caverna de Platão, com as duas faces da Vida voltadas "uma para o Sol e outra para a Sombra. . ." Entretanto, assumindo a posição romântica e negando Platão que expulsou os poetas do seu Estado, para Othon d'Eça, "Poetas. . . Loucos. . . Magos. . . Visionários. . ." são os únicos "Felizes. . . os Triunfadores", "aqueles que passam pela existência na quadriga doirada da Quimera, bebendo o perfume lavado das alturas, na vertigem deslumbrante da Ascensão!". E assim, a alma do poeta — "A minha Alma, triste mocho que habita, há mais de vinte anos, a Torre escura e deserta do MEU CORPO" — vagueia pelas aparências o mundo — mundo de "aparências. . . Sombras. . . tecidos de gaze ao vento" — sempre envolta nas "Três Sombras — do Passado, Presente e Futuro" — sabendo que a vida é ilusão — "O Homem sem o sopro da Divina Quimera — é a estátua bárbara de lodo na infindável manhã do primeiro dia. . .". Os poemas se caracterizam por esse caráter vago, pela metaforização contínua, pela sua essencial intenção sugestiva.

4. No horizonte do seu tempo de publicação, Cinza e Bruma mereceu comentários críticos, dos quais convém destacar alguns aspectos, para constatar a recepção que lhe foi prestada.

O diário de Florianópolis "O Dia" estampou no dia 19 de maio de 1918 um comentário sem assinatura, atribuído ao seu Diretor, Ivo d'Aquino. Ressaltando o conteúdo "triste" do livro, no seu canto de "saudade", precisa que, "quanto ao estilo, Othon é um simbolista, transportado ao último limite do idealismo". Observa que, no livro, "há figuras estranhas, evocações veladas por um misticismo quintessenciado, incompreensível e forçado em diversas passagens". Já "quanto à linguagem, o autor tem prazer em envenenar-se na taça

dourada e enganosa do galicismo, defeito, certamente, menos perdoável do que os termos bizarros que criou em diversas ocasiões". Entretanto, não obstante as ressalvas que faz e os defeitos que aponta, conclui que "Cinza e Bruma mereceria, quando outros dotes não possuísse, toda a nossa simpatia e bom acolhimento por ser uma obra toda dedicada à terra catarinense de que Othon d'Eça se revelou um filho extremoso e inteligente".

O mesmo diário de Ivo d'Aquino transcreve, no dia 5 de junho de 1918, a crítica que João Ribeiro, chamado "o maior dos críticos brasileiros", publicara no "Imperial" do Rio de Janeiro. A apreciação ressalta inicialmente que o livro "pertence ao gênero um pouco odioso dos 'poemas em prosa'"; passa a discorrer sobre generalidades, para observar depois que "não queremos dizer com essa reflexão que o livro 'Livro de Saudades' deixe de conter páginas emotivas, eloqüentes e sinceras e até belos pensamentos, mau grado os neologismos ousados. . .". Transcreve a seguir "uma breve amostra da prosa (sic!) do Sr. Othon d'Eça", para concluir sem profundidade que "se o Sr. Othon é o poeta que, como dizíamos, não logrou fazer versos medidos no ritmo corriqueiro, sobram-lhe em demasia a nobre agilidade e destreza dos cavaleiros que montam o Pégaso".

Mais extensa e consistente é a apreciação feita por Altino Flores, nossa mais atuante e expressiva voz crítica da época, ocupando cinco páginas do quinzenário "Santelmo" que Lucas Bainha editava em Laguna, em 1922. Inicialmente afirma que não basta querer para ser célebre. Necessário é que "o candidato ao triunfo junte à vontade impulsiva a capacidade natural", sendo poucos os que detêm tal capacidade na "nova geração catarinense". Não basta a "fugaz travessia do jornalismo", porque "só o livro fixa o renome de um autor. O renome ou o opróbrio. . ." Entre todos, salienta apenas dois: "Othon d'Eça e Laércio Caldeira", discorrendo sobre o primeiro que "é um caráter curiosíssimo. Excessivamente apaixonado por tudo que é novo, flamante, original, deixa-se levar, sem resistência, pela primeira corrente estética que apareça, desde que ela venha preconizada por algum nome de certa importância. . ." Assim, no Rio de Janeiro, deixou-se embriagar pela "opiada e nevoenta poesia de Rodenbach, Samain e Viélé-Griffin. Criou ali o seu lugar, fez a sua profissão-de-fé públi-

ca. . .” E nesse contexto escreveu Cinza e Bruma. Transcreve, a seguir, trechos dos comentários de Ivo d’Aquino e também de Manoel da Nóbrega, este último publicado em “Razão”, de São Francisco do Sul, a 21 de abril de 1918, apenas vagamente impressionista.

Altino observa quanto ao livro, entre reconhecimentos e ressalvas: “Com ser uma obra tão presumida quão defeituosa, Cinza e Bruma não deixa de entremostrear alguns aspectos da alma do autor. Em primeiro lugar, o que de suas páginas se deduz é que o Sr. Othon d’Eça é mais, muito mais poeta que prosador. Há nelas frases harmoniosas, ritmadas, metrificadas mesmo, que, acrescidas das licenças ideológicas peculiares à expressão rimada, podem ser reivindicadas pela verdadeira poesia. Em segundo lugar, através da artificialidade daqueles pequenos trabalhos, pontilhados de infindas reticências, sente-se vagamente o palpitar de um coração terno e bom, que, porventura, já se desiludiu dos homens, mas sem ter conseguido odiá-los. A evocação da cidade natal, rotineira e humilde, despertou-lhe no espírito uma revoada de longas e suavíssimas lembranças, das quais tirou o autor sugestivos efeitos emocionais, cuja beleza apenas se vislumbra dentre o excesso dos refolhos simbolistas. . .” Mas, anota depois, “hoje quero crer, o Sr. Othon d’Eça não escreveria Cinza e Bruma. A vida submeteu-o a experiências que, sem matarem em nós a sede do ideal, têm, além disso, a utilidade de nos dar uma noção mais positiva acerca dos homens e das coisas, noção essa que nos leva a desnublar os símbolos para neles descobrirmos a realidade imanente. Demais, tendo evoluído a sua cultura literária, é possível e mesmo provável que ele tenha radicado mais no seu espírito a crença, confidencialmente esboçada, de que as verdadeiras obras-de-arte não são apenas a concretização da vida mental do autor, através da forma genérica que melhor a traduza, porém, ainda, o expoente de uma raça e de uma época. . .”. Cinza e Bruma mereceu, portanto, atenção receptiva e comentários explícitos desde a sua publicação.

5. Quanto aos poemas que Othon d’Eça deixou inéditos ou esparsos em jornais e revistas, difícil se torna reunir sua totalidade. A maior parte traz datas em torno de 1920, época da maior efervescência literária, quando Othon integrava a

diretoria da revista "Terra", de marcante presença cultural, quando, juntamente com José Boiteux e outros, fundava a Sociedade Catarinense de Letras, que passou a denominar-se, a partir de 1924, Academia Catarinense de Letras, e quando desenvolvia intensa atividade jornalística.

Embora Cinza e Bruma tivesse como ponto centralizador sua "Desterro", mas entrevista nas brumas, sonhos, tédio e melancolia do decadentismo, no "Livro da Saudade", os poemas dispersos revelam sobretudo um poeta apaixonado pela "Minha Ilha", pela Ilha de Santa Catarina, "Ilha do meu Amor", revestida de inúmeros traços românticos, em que a natureza constitui a casa de acolhida e o templo sagrado: "meu lar" e "meu verde altar", sempre envolta e ornada pelo mar, praias, morros, pescadores — elementos que embasam igualmente sua ficção. Na publicação de uma das "Cantigas Ilhoas" no jornal "República" (11/02/1923) existe a referência "De Minha Ilha", da qual pode depreender-se que o autor alimentava pelo menos o projeto de formar um conjunto e possivelmente um livro de poemas sobre e com o título de Minha Ilha.

O conjunto mais característico desse projeto é constituído pelas "Cantigas Ilhoas", poemas de encantadora singeleza popular, aproximando-se de ingênuas modinhas, ao tom medieval. Aqui mais do que nunca o intelectual, artista múltiplo, manifesta sua autêntica irmanação com o povo nativo, os pobres singelos e os ingênuos humildes, cujas pequenas aspirações tão bem delinea, como em "Natal do Céu". Debuxando paisagens, casos, situações ou episódios da gente autêntica da Ilha, na sua história e na sua condição sócio-familiar, os poemas já captam bem a despreocupação e o conformismo açorianos: "Me levo sempre a pensar/ Que tudo foi Deus quem quis". A referência freqüente às "cigarras" pode identificar, de certo modo, o poeta dentro do "modus vivendi" açoriano, conformado e despreocupado, nas "Cantigas Ilhoas", cantando, extasiado e absorto, a realidade do aqui e agora, no sentimento do instante, sem a preocupação previdente do dia de amanhã ou da construção revolucionária. O poema que inicia com o verso "Cigarra d'asas de rendas" teve suas três primeiras estrofes publicadas separadamente, o que demonstra sua estrutura tríptica, como que constituído de cantigas várias, delineando as cenas da cigarra, da fonte, das rendeiras do Ribeirão e da saudade. E já no início do século, Othon d'Eça percebeu

a integração profunda e o simbolismo da Figueira da Praça XV dentro da paisagem e da gente da Ilha. O poema apareceu publicado no Suplemento Dominical de Artes e Letras do jornal "República" (28/03/1924) sob o título de "Do Tríptico do Meu Exílio" e reapareceu no Suplemento Dominical de "O Estado" (16/06/1957) sob o título "A Velha Figueira do Jardim", descrevendo a árvore real, envolta em personificado humanismo e enraizada no mito redentor, para tornar-se perene símbolo de benfeitoria regeneradora.

Ainda nesses poemas reinstaura-se freqüentemente o tom impressionista-decadente, na descrição e evocação da ambiência de inverno e frio, bruma e penumbra, silêncio e tristeza, mas tudo envolto em serenidade calma, numa doce saudade, numa lentidão sem apressos, nos traços imprecisos, como se a alma sensível se embebesse em tudo e se deliciasse numa doce saudade indefinível, agora em linguagem bem mais simples, desataviada dos preciosismos "fin-du-siècle" e dos erudítimos próprios dos poemas de Cinza e Bruma. O poema em prosa "Manchas", lembrando aqueles do livro, centraliza-se na evocação dessa ambiência deserta de entorpecimento das águas paradas da lagoa, na degenerescência total da vida e na "enervante melancolia das cousas". Os lamentos dolentes do "Noturno", na esteira de Chopin, conferem a tônica decadente-penumbrista. Mas ao fundo da paisagem diluída, também vago mas soberbo, ergue-se, na bruma da distância, o altivo Cambirela.

Embora a geração de 1920, a "Geração da Academia" tenha sido sempre duramente estigmatizada como anti-modernista, cultivando o formalismo impessoal do parnasianismo, Othon d'Eça, no transbordar incontido do sentimento lírico, assimilou, sim, o código parnasiano, no esmero dos seus versos, geralmente longos, entre decassílabos e dodecassílabos, chegando a sacrificar a tão prezada pureza gramatical à rima em "Renúncia", na recorrência a figuras mitológicas, divindades perenes que subjazem à história e à natureza, na referência à cigarra decantada por Olegário Mariano, muito estimado. Entretanto, os poemas de Othon d'Eça, mesmo na variação não rígida da métrica, não marca acirrada intransigência ao modernismo, além de afastar-se bastante do objetivismo parnasiano pela impregnação da subjetividade que, por um lado, denuncia sua tonalidade impressionista-decadente e, por

outro, preserva inegáveis traços românticos. Assume abertamente o romantismo em "Diálogo Romântico", não apenas no título. O egocentrismo do gênio romântico do poeta que chega ao céu transparece também em "Milagre de Amor", tão diverso do humanismo social alocêntrico da preta "Irene no Céu", de Manuel Bandeira, praticamente da mesma época. O "Romance", soneto repleto de reticências maliciosas, publicado em "O Estado" (03/07/1955), pelo transcurso do aniversário natalício do autor, mas possivelmente escrito bem antes, traz no quadro das suas sugestões múltiplas a ambigüidade subjetiva da estética romântica.

As referências ao "exílio", se podem lembrar o romântico Gonçalves Dias, poderão caracterizar concretamente o estado do poeta longe da sua amada Ilha, sobretudo nos tempos de estudos no Rio de Janeiro, mas poderão também conter, simbolicamente, a ressonância do exílio da alma no corpo terreno, na linha de Cruz e Sousa. Semelhantemente, o soneto "Renúncia" sintetiza uma filosofia de vida bem na linha pessimista do Eclesiastes e que se encontra difusamente encarnada no povo sofrido, nas suas carências que racionalizam ser somente "puro o Bem que não se alcança", crente de que "Tudo farta na Vida e tudo é luto", pelo que se impõe superar e libertar-se da matéria, pois "a felicidade está no desejar", vivendo de "Ilusões" do "Sonho" e da "Esperança". "Dor sem orlas" retoma idêntica filosofia estoíco-pessimista, que se martiriza, como a "religião" de Cruz e Sousa e Juvêncio de Araújo Figueiredo ou a insistência no pecado peculiar ao cristianismo pré-conciliar. Num ascetismo de dor e desprezo do mundo e da vida. Para ascender ao "Mistério" celeste.

Entretanto, a cosmovisão de Othon d'Eça, a partir dos poemas e adensando-se na ficção, sempre preservando uma atmosfera poético-humanista, supera qualquer fechar-se em pessimismo derrotista, embora constante o realismo social. Observe-se, por exemplo, o poema "Os Onze do Morro". O realismo da pobreza, da indigência, da miséria social permite ao poeta a expansão do seu olhar de ternura humana para constatar que, na carência, existem mecanismos de compensação e que, da frugalidade ao esbanjamento, da "pelota de trapo" à "bola de gomos dos grã-finos", dos "casebres do morro" à "cobiça, na cidade enorme", a desproporção pode compensar-se ou mesmo inverter-se quanto à realização de

sonhos, alegria ou satisfação íntima.

Um dos traços formais profundamente presente nos poemas de Othon d'Eça consiste na tendência para delinear autênticos "quadros". Entretanto, não segue a linha estritamente parnasiana de contornos definidos nos quais está ausente qualquer transcendência devido à sua impessoalidade. Nos debuxos de cenas e situações de Othon d'Eça a pintura mantém contornos pouco precisos, em sugestivas pinceladas que tentam expressar um vago estado íntimo, uma sensação difusa ante a natureza, numa identificação nunca plenamente integrada, porque diversas as partes. Leiam-se nesse sentido o voejar do "Besouro", as "Velhas Torres da Igreja de São Francisco", a aranha trançando a teia na "Flor de Haxixe", a "Misteriosa" flor de volúpia, as sugestões de "Esses Teus Dedos", o ambíguo destino das "Velas". O quadro de "O Fumo do Meu Cigarro" desdobra-se em toda uma cena cavalheiresca medieval, mas o fogoso amor galante que luta pela sua dama acaba desfazendo-se na ilusão passageira, como "o fumo espiralante e leve". Também a "Balada da Árvore" delinea todo um quadro da árvore desfolhada no Inverno, que não teve mais Primavera — para terminar no paralelismo com a "Ventura" da vida que desapareceu na solidão do inverno sem primavera. Por vezes, o quadro resta puro, como em "A Ilha e a Ponte", mas geralmente esses quadros ou cromos conduzem a um paralelismo com o ser humano e seus sentimentos, como bem explicitamente declara o final de "As Falas das Areias": os cômoros movediços das areias da Lagoa respondem ao poeta:

*— Nós somos como a criatura,
Mudamos todo o momento
Em busca a uma ventura.*

Eis a "ventura" poética de Othon d'Eça, agora resgatada em maior unidade, e restituída ao seu verdadeiro destino: o leitor. Se, como observou Altino Flores, "só o livro fixa o renome de um autor", seus poemas agora figuram em livro e a reedição completa da sua obra não fixará o nome já estabelecido, mas paga um débito da sociedade cultural catari-nense, proporcionando a maior recompensa que qualquer escritor pode alimentar: o convívio permanente com seus leitores.

BIBLIOGRAFIA

- AQUINO, Ivo d'. *Cinza e Bruma*, "O Dia". Florianópolis (19/05/1918).
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 2 ed. São Paulo, Cultrix, 1975.
- COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura Brasileira*. 5 ed. Rio de Janeiro, Ed. Distr. Livros Escolares Ltda., 1968.
- FLORES, Altino. in "Santelmo" Ano I, n: 9, Laguna, 1922.
- FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da Lírica Moderna*. São Paulo, Duas Cidades, 1978.
- HAUSER, Arnold. *História Social da Literatura e da Arte*. Vol. II. 3 ed. São Paulo, Mestre Jou, 1982.
- PROENÇA FILHO, Domicio. *Estilos da Época na Literatura*. 2 ed. Rio de Janeiro, Ed. Linceu, 1969.
- RIBEIRO, João. in "O Dia". Florianópolis (05/06/1918).
- WILSON, Edmund. *O Castelo de Axel*. São Paulo, Cultrix, 1985.

**CINZA
E BRUMA**

O LIVRO DA SAUDADE



Cinza e Bruma! . . .

*É o Outono. . . o derradeiro canto da cigarra na esparsa
tristeza da paisagem. . . Harmonias de Stradivarius, em surdi-
na. . . nos longes desfalecidos. . . aos ritmos grisalhos dos
versos de Rodenbach!*

*E as folhas caindo lívidas, como lágrimas d'Imagens. . .
no vento que vem do Sul. . .*

*São as árvores que choram com Saudades da Primavera!
ra! . . .*

Eu tenho piedade das árvores no Outono. . .

*Meigas e abismadas, entre as névoas emolientes, elas to-
mam expressões raras e humanas!*

Recordam raparigas tuberculosas nos êxtases da tarde. . .

*É pelo Outono que as lembranças despertam e a Alma
das Cousas salmodia as canções do Passado — no Silêncio
cinzento dos caminhos. . .*

*Nesses dias de Vida imóvel, ao consolo das lareiras ace-
sas. . . os velhos ficam a cismar, esquecidos dos anos. . . es-
quecidos da Morte. . .*

*Enquanto fora, as nuvens peneiram, na garoa translúcida,
a melancolia que sobe dos pinheirais. . . das águas mudas
de Tédio. . . dos campos onde há mugidos que até parecem
lamentos! . . .*

*Quando eu era pequeno e ainda tinha meigos avós para
contarem-me histórias, quanta vez supliquei, nas minhas re-
zas ingênuas, à dorida Senhora do Desterro, que não tardas-
sem a cair as folhas dos pessegueiros!*

E apenas apareciam as primeiras manchas de gaze nas

montanhas, e, sobre o mar, a bruma estendia as moles carícias do Outono já próximo, no meu coração, onde bruxuleiam restos do Sangue godo da minha raça, as alegrias eclodiam, abriam-se em glicínias de sóis. . . e era como se dentro de mim continuasse aquele tempo que morria lá fora. . .

.....
Outono!. . . irmão mais triste da Tranqüillidade!

Eu bem te sinto n'alma. . . com os teus espasmos de Sombras. . . as tuas névoas. . . os teus crepúsculos lívidos e litúrgicos!. . .

DESTERRO, ALMA DO MAR E DA SAUDADE. . .

A Laércio Caldeira

Desterro é o poema de pedra da tranqüilidade. . .
Nos lentos crepúsculos de agonias cinzentas, parece um
lavor antigo num retábulo de opala. . .

E, sobre a sombra do céu, a sua sombra nas águas, recorda
um fresco flamengo num muro de porcelana. . .

Ao longo do seu cais onde os saveiros, inquietos, supli-
cando bonança, erguem para Deus os braços vincados pelas
driças, a tristeza da Penumbra e da Umidade estira-se como
um grande gemido de Melancolia. . .

Desterro tem a expressão de Santa Tereza de Jesus!. . .

Pelas manhãs engessadas do Inverno, quando as brumas
encanecem as Horas e fazem pensar na doçura sem orlas
da Renúncia, ela ensimesma-se num Sonho de vitral e fica
absorta, de joelhos, enevoadamente a relembrar. . .

Então, para alegrá-la, as maretas ondulam, em versos de
guipure, ao ritmo do vento, as Canções que vieram rimando
do mar alto!. . .

E as músicas dos sinos evadem-se dos cárceres de bronze,
e palpitam entre as neblinas, e elargem-se vibrantes, sobre
os telhados e sobre a paisagem, em grandes enciclias brancas
e sonoras!. . .

No entanto é vã essa alegria das águas e das torres. . .

Desterro é a Tristeza que parou à beira do mar!. . .

Do Mar sempre enamorado de sua Sombra. . . vaga. . .
contemplativa. . . feita das sete dores da Saudade. . .

NA CASA DE LABÃO. . .

A Agenor de Carvoliva

Levanto-me do leito. . .

Vagos restos de Noite espreitam das minhas retinas, pon-do Visões de Sombras nas paredes, ermas presenças nas cou-sas que me rodeiam. . .

Abro as janelas. . .

Lá fora, Maio espraia-se, despindo a clâmide de gaze da manhã. . . desvendando nudezas de paisagens. . . torsos azúis de montanhas mal despertas!

Há musselinas de sons pelo ar branco. . . tecidas do linho dos sinos. . . desdobradas ao vento que vem do Mar. . .

Perto, a sereia satânica de uma fábrica uiva. . .

A Fera, estremunhada, distende os músculos potentes, bo-ceja rolos de fumo, no primeiro repasto da Miséria e da Hu-lha. . .

O Sol é apenas um esboço nos meus olhos.

Pressinto núpcias de flores nos jardins. . .

E vem-me, então, a Saudade de ti, ó Maio da minha provín-cia, custódia azul onde o Sol, hóstia de oiro, se eleva na Exalta-ção pagã da Vida que voltou!. . .

Murmúrios d'águas moças reverdecendo os campos. . . alegrando nas selvas os faunos tristes. . .

"Versos" de Mistral em revoadas. . . June Caprice a sorrir pastorais entre as papoulas em sangue. . .

Ó Maio da minha província! Vaga Visão da Primavera coroa-da de rosas. . . Existências cantando em coro, pelas cigarras que morreram em Abril, a derradeira Missa do Esplendor. . .

Pianíssimos da Seiva nas searas, tirados pelo Terral, nos
sistros de oiro das espigas. . .

.....

Maió! quatro folhas do trevo da Ilusão. . .

Tu és como a Saudade. . . velho sangue que volta às nossas
veias! . . .

ALMA SEM CORPO. . .

A Virgílio Várzea

A Distância é a sombra da Morte esparsa sobre as cousas. Ancas fecundas de maternidades vegetais, figuras cismadoras de torres, todas as sugestões dos relevos e todas as apoteoses da Visão empoeiram-se, somem-se, ao longe, como vagos fantasmas do Silêncio, esbranquiçados de ais! . .

A paisagem enjeitada no Ermo, caminhando, enevoando-se, deixa no vitral das minhas retinas um rastro de Existências a morrerem, apenas esquissadas.

Ó Distância! tristezas de Anto Nobre. . . crepúsculo dos desenhos e das Cores. . . Isadora dançando noturnos de Chopin!

No teu seio esfumado de Melancolia e de Extensão, as gemas pompadour dos sinos, as rapsódias malarmistas das raparigas espriam-se, dissilabam-se, e tornam-se migalhas de sons que ninguém mais pode entender. . .

E eu fico d'olhos perdidos na penumbra de luz, de braços abertos, crucificado em mim mesmo. . .

A Saudade é então o sangue das minhas feridas.

E ponho-me a recordar os longes da minha ilha, onde nem se apagam os vôos dos pássaros marinhos!. . .

Longes adormecidos de Harmonias de sombras. . . névoas ascendendo em ritmos de seda. . . e as pupilas do mar cheias do azul do céu e as retinas do céu cheias do azul das montanhas. . .

Saudades das Distâncias que não vejo. . .

Ermas horas dos meus dias de exílio. . . músicas escuras de velhos órgãos irrealis. . . Sombras da minha Sombra. . . rastros de Existências que morreram, esquissadas apenas!. . .

EVOCAÇÃO. . .

A Diniz Júnior

Inverno na minha Ilha. . .

Céus que se apagam na terra. . . e, nas lentas manhãs grisalhas, os velhos sinos chamando, altos, pelas bocas dos campanários, as raparigas à Oração. . .

Dias quase sem Horas. . . sem poentes, da cor da chuva, silenciosos como átrios vazios e que fazem aflorar, sobre as Cousas imóveis, a Alma tranqüila do Silêncio!

E noites cheias de lendas, e em que os nervos vivem os ritmos da Emoção, ao flamejar glorioso das lareiras patriarcais. . .

Inverno na minha Ilha. . .

Geadas encanecendo os campos, gotejando das ramarias desertas. . . donde as folhas caíram mortas, descobrindo ninhos vazios. . .

E latinas boiando longe. . . imprecisas e transfiguradas. . . tão quietas como se fossem os Sonhos brancos das Águas emergindo entre as brumas!. . .

.....
Inverno na minha Ilha. . .

A Angústia zoante do Vento sul. . . a neblina apagando o mar. . .

E, nos Ângelus exalviçados, os velhos sinos orando, em sete gotas de sons, à Dorida Senhora do Desterro!. . .

LONGES BRANCOS. . .

Para Manoel da Nóbrega

Quando o Inverno chega, derramando das ânforas infinitas as Horas de Cinzas e os Silêncios de névoas, as almas dos contemplativos enchem-se de Fantasmas! . . .

Saudades de si mesmo. . . Sombras de Passados. . . Visões que morreram com as últimas cigarras! . . .

Os contemplativos são como cegos perdidos nas estradas. . .

Sentem apenas a Alma das Existências!

Almas das suas almas esparsas, transmigradas. . . feitas de penumbras de paisagens — onde há perguntas de Silêncio sem respostas, velhos céus cheios de deuses ignorados! . . .

Horas de Cinza que afloram as Essências. . . as asas brancas dos Sons impercebíveis. . .

“Borluut” suspenso muito acima da Vida. . .

Lá alto, onde é de Céus a música dos carrilhões. . . e são de gaze as águas dos canais. . .

.....
Contemplativos! estátuas de Alvoradas com olhos de Crepúsculo! quando as vossas almas errarem pelos Ermos, exalvçadas, esbatidas, como Santas de vitrais vistas de longe. . . bendizei a Renúncia. . . exaltai a Tristeza. . . e podeis morrer tranqüilos e felizes na sombra em cruz das vossas Sombras. . .

Porque depois vem o Tédio, velho Monge ressuscitado, contar, em surdinas de languidez a elegia mortal dos Sepulcros vazios. . .

E fica muito tarde para morrer. . .

.....

PAPOULA BRANCA. . .

Para Nemésio Dutra

Num dia cheio de Tédio, quando dentro de mim só existiam estranhas impressões de Ausências, eu desci para a Cidade. . .

Andavam vozes de névoas pelo ar. . . mistérios de azul nos longes, sugerindo o repouso.

Então o outro Ser que dirige o meu ser foi-me guiando os passos incertos para essa rua onde há chineses, trágicos e excitados, que nos desvendam outros mundos em volutas de ópio! . . .

Que bafio de sepulcro nessa rua! . . . vala comum das Misé-rias dos nervos! . . .

Que lívido cheiro de águas mortas, enoitecidas em poças, como olhos de velhos bruxos apodrecendo ao luar. . .

Caronte descansava a um canto, vestido de mendigo, à espera das almas que não tardariam a surgir!

.....

Depois. . .

De todas as bandas começou a subir uma penumbra luminosa, Luz diluída em maciezas de veludos, que foi impreci-sando, apagando esse Espectro de pedra de Cidade. . .

Abriu-se um grande Silêncio cheio de transparências. . .

Os meus olhos de alma reviram, entre a translúcida nuance de sete cores em que tudo se irisara, SANTA BÁRBARA! quieto recanto medieval da minha DESTERRO.

E era como um deslumbramento de gravura antiga! . . . Gustavo Doré a ilustrar a História do meu sono. . .

Vozes invisíveis, ao ritmo éreo dos sinos, cantavam, em versos do Passado, pelas ruas, as lendas marulhosas da

ilha. . .

Havia núpcias de reflexos nas pequenas alcovas dos azulejos. . . Aparências de menestréis nos abraços das grades das janelas. . .

As fachadas altas do casaredo, na tranqüila nudez dos rostos de pedra, sugeriam Ursulinas em êxtase, meditando!. . .

E até o pequeno e claro rio que repousa no mar, junto ao velho forte, também cantava, no rolado murmúrio dos seixos novos, as expressões de mágoa dos álamos. . . as bíblicas pastorais das Sombras refletidas na jornada.

Lenta e doce Harmonia rolava pelos telhados, música feita de névoas, como pedaços brancos de cristais diluídos em sons!. . .

Depois. . .

No escuro nicho de meu corpo a minha alma reentrou!. . .

E eu fiquei parado no esplendor do meu Sonho. . .

.....

Despertei.

Em torno do meu leito, na sala vasta onde se ocultava a Noite, vultos erguiam os braços!. . .

Mas só as suas mãos branqueavam no ar úmido e torvo, trêmulas, como asas fantásticas que adejassem, sem corpo, na meia luz fugindo para o teto. . .

FOLHAS MORTAS

A DERRADEIRA LEMBRANÇA

A Olegário Mariano

Expulsos do Olimpo, com os olhos ainda cheios de alegrias da última apoteose, os Deuses luminosos desceram para a Terra.

Incruezas humanas. . . duras e cansadas peripetuições ao longo dos caminhos desertos, resignadamente suportaram! . . .

Por todas as bandas a gleba hostil, a indiferença dos camponões. . . as atitudes estranhas das próprias cousas que eles haviam enchido de ritmos e de Belezas.

Glórias e Exaltações!. . . oferendas d'ouro e Sangue que a música ondeante dos bailados suavizava a rudeza ritual, tudo se fora. . . e acabara, espavoridamente, às canções que os pastores do novo Deus entoavam, ao Sol. . .

E a caravana seguia sempre. . . tangida pelas mesmas infelicidades. . . dolorosamente. . . indefinidamente avante!. . .

Depois. . . os Deuses maravilhosos foram morrendo, um a um, à beira das estradas, entre as rosas secas das coroas e o sadio zumbido das abelhas!

Morriam exangues. . . de olhos pisados das insônias. . . soberbos. . . estóicos e predestinados. . .

Sobre eles o Céu muito alto e vasto de indiferença!. . .

Da coréia enorme que partira naquela triste manhã de expulsão, só uma Deusa ficou. . . uma única. . . e que nascera do último estertor do derradeiro Deus que morria!. . .

.....

E desde então, como um Adeus! ela vagueia pela Terra. . . silenciosa consoladora dos tristes, sob o nome suavíssimo de SAUDADE!. . .

EU E A NOITE. . .

A Correia Dias

O luar é o sorriso irônico de um Fantasma! . . .
Ilusão de luz nas pupilas nostálgicas dos gatos. . .
Ao luar todas as Cousas têm murmúrios de Sagas. . . Aparências descontornadas. . .
Expressões de Esquecimento e de Mágoa. . .
Eu amo a noite sem o albinismo da Lua, toda vestida de luto pelo Sol, sangrando Saudades nas estrelas! . . .
Lúrido descampado onde eu converso a sós com a minha Alma. . . sentado à soleira amiga da minha Tristeza! . . .
Quando o Tédio holocaustiliza-me, sinto-a rondar à minha janela, aveludadamente. . . como alguém que me esperasse, lá fora, para uma entrevista no meu jardim. . .
Ó Noite! eu te Exalto e te Bendigo, na Melancolia do meu Paço deserto, porque me suspendes na Vida. . . insulas-me do ruído. . . dás-me a impressão de que só existo em Essência. . .
Tu fazes-me ouvir as Harmonias de Saudades distantes. . . sem memória de seu começo. . . sem rota no seu destino! . . .
No teu seio de Treva pressinto Existências ascendendo. . . ascendendo para a esparsa Soledade do Infinito — onde tudo se apaga e onde tudo começa. . .
Noite! . . . negra mãe das Emoções raríssimas! . . .
Do teu leite a Simbólica Visão de Tintoreto, alimentam-se os Poetas solitários. . . os que andam sozinhos a cantar, indiferentes, pela Vida! . . .
A criatura humana é um pobre Deus sem nome, esquecido da sua origem! . . .
Precisa de Ti! ó Noite! para Viver feliz. . .

Porque só Tu podes fazer-nos sentir a Felicidade através da tua treva, como aos gregos a Beleza através dos seus Deuses. . .

A minha alma procura-te. . . transmigrada e aflita. . .

A minha Alma. . . triste Mocho que habita, há mais de vinte anos, a Torre escura e deserta do MEU CORPO!. . .

DROZERA VITAE. . . (DUM DIÁRIO SEM FIM). . .

Para Edmundo da Luz Pinto

S ól. . .

Na curva do último bocejo, a Vida apareceu-me um deserto sem árvores, com um vasto céu triste e um grande vento gelado. . .

Eu quedo-me absorto, vazio de ânimo, no meu quarto que o Silêncio exila e onde paira a tristeza das cousas imobilizadas. . .

A tarde escorre, com moleza de Sultana, à sombra tranqüila das Horas. . .

Na poeira de opala a paisagem toma aspectos extravagantes. . . eurítmicos. . .

E caminha, e contorce-se, e baila arabescos de gaze, e perde-se longe, esfumada no decor grisalho da Babilônia gibosa sob o céu ainda mais giboso. . .

Dentre o tumulto boleado de galhadas, de dorsos, a flecha duma igreja gótica emerge. . . branca. . . altiva. . . como um braço vitorioso de mulher!. . .

As minhas retinas cansam-se de refletir!. . .

Levanto-me e cerro os batentes da janela.

Acendo um cigarro e torno à minha cadeira.

A luz, de fora, ronda os vitrais heráldicos, esforça-se por penetrá-los, com a teimosia de uma grande esfinge diáfana. . .

Na sombra é que melhor se sente a Alma. . .

As naturezas contemplativas são feitas de nuances.

A penumbra é a Essência. . . a Música escura das lendas. . .

É por isso que as flores têm expressões mais bizarras nas meias-tintas do crepúsculo. . .

As estátuas só vivem entre os claros-escuros. . .

.....
Eu fico novamente absorto. . . vazio de ânimo, no meu quarto esparso de Solidão como os confins de um mundo estranho! . .

Apagado na treva, plangentemente, taciturnamente, o carilhão do meu velho relógio esfuma um triste *lied* renano. . .

Já deve ser noite lá fora. . .

E eu não escutei tanger o *Ângelus*.

.....
Só! . .

O Tédio. . . a Monotonia mortal do banzo d'África estribilhando aos meus ouvidos. . .

Como a Vida é tão longa sem morfina! . .

MAL DO MUNDO. . .

A Helios Seelinger

Filiforme e viscoso, numa tarde lívida de neblinas, Satã
escorreu dos capítulos torvos do Talmud e caiu mole,
desconjugado, sobre a Terra silenciosa!

E de braços, acovardado, esmagando contra as coxas o
ventre nu, o seu corpo negro e feio como o fole de um polvo
apenas latejava. . .

Só a grande cabeça esguedelhada movia-se para os lados,
perscrutadoramente, arrastando o olhar em semicírculos inda-
gadores. . .

As névoas adensavam-se, apagando os negros croquis das
ramarias, onde, enrodilhados de frio, pássaros piavam.

E a Noite descia triste, cheia de desânimos, como os olhos
dos que vão morrer.

.....
Satã arqueara o dorso, fazendo ressaltar as vértebras du-
ras. . .

Ninguém lhe havia saído ao couce.

Então vagarosamente ergueu-se, sacudindo a cauda curta
de bode, chispando nos olhos vesgos e amarelos as maldades
que iria espalhar por este Mundo. . .

E a sua boca abriu-se num bocejo ululante. . .

Um bocejo que era um insulto às divindades magníficas!

Depois. . . arrancou aos pinchos, malabarando os braços
magros e peludos. . .

E sumiu-se nos longes que a Sombra de todo corroera. . .

.....
Nessa noite bebeu-se o absinto. . .

AS TRÊS SOMBRAS. . .

A Roberto Gomes

PASSADO!. . . a Sombra do que fui me espreitando na Vida!. . .

Olhos cheios de noite. . . olhos de Velhice!. . . que quanto mais se afastam mais Saudades me deixam!. . .

PRESENTE!. . . a minha Sombra sem pouso. . . de Ermo em Ermo vagando!. . .

Sempre voltada para Ti, Torre impassível do Tempo. . . onde um velho sino blange, zuantemente, na tristeza da Hora agonizante!. . .

FUTURO. . . olhos baços de Esfinge na distância. . . muda interrogação feita de Treva!. . .

A Vida ainda em Fantasma dissimulando o Sonho!. . .

Eu sinto que me atraís. . . fugindo à minha frente!. . .

Mas em ânsias de Abismos. . . desejos de Infinitos, vou teu rasto seguindo pelo Presente a fora. . .

E apenas eu vejo, na torva luz do Mistério, o teu perfil de Sombra. . . o teu vulto de Monge!. . .

A fugir. . . sempre a fugir!. . .

ELEGIA DO INVERNO. . .

A Caio de Melo Franco

-**C**onta-me uma história. . . uma história que seja a Música azul da tua lembrança e tenha o perfume griséu das madrugadas de chuva! . .

Ele sorriu para a sua mágoa, meneando a trêmula flor de neve da cabeça.

E ficou silencioso. . .

Na lareira o fogo tinha a serena expressão de um Deus feliz!

As bocas flamejantes cantavam as Harmonias sagradas da primeira felicidade.

A balada da luz, como um halo de Espírito-Santo, vinha debruçar de oiro a silhueta do velho camponês. . .

No chão as nossas sombras espargiam-se, quebravam-se no ângulo raso da parede e subiam humildes, trêmulas de Assombro, atraídas pelas pupilas lúridas do teto. . .

Depois. . . como dos confins de um Mundo remoto, o velho murmurou:

“— Uma história que seja a Música azul da minha lembrança!

Não!. . . eu não sei nenhuma!

A legenda do meu passado. . . o Fantasma da tristeza errando na minha memória!

A Balada do Rei de Tule na boca de uma caveira. . .

Ai! a minha lembrança é como um Ermo cheio de soledade e onde bruxuleiam, ao vento escuro da noite, os círios lúgubres das almas! . . .”

E num baixar de pálpebras tranzido de amarguras, como a última Visão dos que morrem inocentes, exclamou:

“— Só quando se foi Feliz é que a Saudade é um consolo!

Bem-aventurados os que têm histórias na velhice, e ouviram os discos celestes da Ventura, e esperam serenamente a Morte, num canto da lareira, na Transfiguração do Tabor excelso do Passado!”

.....

Lá fora, na treva serena, o vento gelado da noite rondava, uivando, como um cão à porta fechada do seu dono. . .

E a neve, sem ruído, numa poeira translúcida, caía do céu. . . onde a Mó do Inverno rolava esfarinhando estrelas! . . .

CIGANOS. . .

A Raul de Leoni

Na maciez d'espáduas da tarde, a caravana dos zíngaros caminha com a pesada canseira dum caimão. . .

À frente a carriola onde viajam as mulheres e que dois mulos trôpegos arrastam.

Seguem-na os homens, uns vinte, a dois de fundo, levando quase de rastro macacos esfomeados e cães de orelhas decepadas.

Ninguém fala. . .

Apenas no couce da coréia exótica um negro quase nu pragueja nomes obscenos, a espicaçar o focinho sangrento de um urso leproso e mole de cansaços. . .

Longe, os pinheiros, tranchados na púrpura a verde malva, têm expressões frias de duendes.

Uma cigarra zine, escondida, entre as sebes.

E é como um eco saudoso e triste do tempo quente, último gemido alado do verão que se foi. . .

.....
Vem, da carriola, água-fortado na seda do silêncio, o canto estranho das mulheres, a melodia selvagem dum instrumento vibrátil.

A Essência da Emoção, a Cor ainda sem nome, o Êxtase a Maravilha transfundem-se nessa música de sangue. . .

É a canção czarda.

A sincronia bárbara de ritmos que sobem, espiralantes, da tiorba, como um fumo sonoro!

Poemas da Vida ao Sol de todas as terras; Soluços que se apagam em sorrisos, e gemidos que se perdem em ternuras, e curvas de sons que fazem lembrar seios desnudados!. . .

E por sobre tudo, pairando como Deuses fatais, a renúncia
da gleba, o Amor. . . os olhos cheios de sortilégios das zín-
gas acobreadas. . .

.....
Na extrema-unção profana do poente, esmigalhado, longe,
anda o gotejar unísono de um sino.

A caravana sumiu-se num abraço da estrada.

E o Silêncio abriu as suas asas de águia branca!

QUANDO AS AMENDOEIRAS FLORIRAM. . .

A João Crespo

Chama-se Yuki e no seu olhar desfalecido e triste há a
imensa solidão das manhãs de fuyú. . .

Nasceu entre as colinas exóticas do Kioto e a pecadora
beleza da sua boca, num poema glorioso, cantou-a o mais
lindo poeta da sua ilha, sobre uma pétala de flor do lótus. . .

A legenda do seu Amor, no entanto, é enevoadada e dolorosa
como olhar da cegonha ferida!

Amou apenas uma tarde. . .

E nessa tarde, à hora em que a paisagem se abisma na
Vida imóvel, o poeta magnífico morreu! . . .

Morreu quando murmurava, de olhos iluminados, tonto
de carícias:

O teu beijo, ó Yuki! . . .

É como o cofre do pescador Urashima. . .

Tem a cor do coral de Okinava,

E encerra as alegrias da Vida! . . .

Chama-se Yuki e no seu olhar, desfalecida e triste, mora
a serena Saudade das amendoeiras em flor. . .

LEGENDA ANTIGA. . .

Para o Jocelyn De Viegas

Na orla do mar, num castelo agarrado à escarpa como um musgo exótico e crescendo para o céu no assomo orgulhoso das mensagens, a princesinha vivia. . .

Ela era meiga, lírial, como as nossas irmãs pequeninas que morreram.

A sua bondade tinha a suave irradiação da bem-aventurança. . . lembrava os olhos de um Deus a perdoar. . .

Até o negro falcão que lhe obedecia os acenos ficara menos brutal nas arrancadas. . . mais piedoso sobre a presa!

Mas a Melancolia aninhara-se na sua alma de cisne heráldico e vinha para o seu olhar numa vaga aparência de sombra remota. . .

Os seus gestos desfolhavam-se em desalentos, em êxtases do entardecer. . . eram como folhas morrendo na Primavera, com medo do Outono!. . .

Toda essa ausência de si, no entanto, começara a sentir, um dia, na sala das panóplias, diante do *panneau* onde havia bordado um nobre cavaleiro.

E desde então esse estranho cavaleiro abrira uma brecha na sua Vida, precipitando-se dentro dela.

Amava-o. . . amava-o tanto, que só ele lhe tomara o pensamento, misterioso, coberto de ouro, de viseira baixa, com um cocar de plumas vermelhas derramando-se sobre o elmo resplandecente. . .

Por ele esquecera o velino. . . os bastidores d'ébano. . . o atril em que seguia, à noite, entre lampadários de prata, num in-fólio gótico, a via-láctea piedosa dos santos!. . .

Lentos dias, na alcândora, o falcão dormitava, abando-

nado. . .

E, no parque do castelo, às margens do grande lago, as garças versalheanas sentiam a existência tão pungente, como velhas duquesas no exílio e na miséria. . .

Em esforço vão os jograis contorciam-se, enguisalhados, e os menestréis vinham de longe, ao castelo, cantar baladas. . .

A princesinha ficava pálida, muda, e cheia de indiferenças. . .

Esbatia-se na sombra do que fora, como as órbitas das estátuas envelhecidas.

A abstração estendera na sua alma de cisne heráldico a planura sem fim da Sombra e do Silêncio.

Dia a dia definhava. . . levada para a Morte, nos braços do cavaleiro desconhecido. . .

E nunca mais, do eirado das barbacãs, ela foi seguir o vô imperial das águias negras. . .

.....
Num país esmaltado de sol, onde as manhãs pareciam grandes cofres abertos transbordando pedrarias e jóias raras, a princesinha morreu. . .

.....
Mas a sua tristeza continua no céu. . .

PROSA ENFERMA. . .

Para o Marquês de Denis

A Realidade é uma caveira com os olhos ainda cheios de terra. . .

A Ilusão — a Esperança desvendando-nos recantos ignorados! . . .

O Homem sem o sopro da Divina Quimera — é a estátua bárbara de lodo na infundável manhã do seu primeiro dia. . .

Só o Fantasma dos Sentidos integra-o na Vida, descorporizando-o!

Há por aí muita gente com aspectos de Feliz porque se aproxima dos moluscos e dos protozoários.

No entanto muito mais feliz é o zangão.

Este, ao menos, resignado no seu destino, sonha com a rainha e pensa na gloriosa manhã da escalada para o Amor! . . .

Iludido com a Vitória, ele sente-se, por isso, o trimegisto da colmeia.

No Mundo tudo deve ser aparências. . . Sombras. . . tecidos de gaze ao vento.

O Fogo de Prometeu é o símbolo da Ilusão.

A Realidade, o Abutre — conúbio monstruoso da Morte com Satã! . . .

A vingança do Monte Cáucaso foi o horror sentido pelos Deuses diante do que eram.

A Miragem do Olimpo roubara-a o filho de Titã na cama fragilíssima. . .

E o Calvário veio depois. . .

A Vida tem duas faces.

Uma para o Sol e outra para a Sombra. . .

Através da face que está perto da Luz vê-se a caveira. . .

A Ilusão, na Sombra, ri-se dessa pobre beleza transparente. . . sepulcro de vidro cheio de ossos lívidos e arrumados. . .

A Verdade tem as sete voltas do Estige dissimuladas em letras. . .

Ai! do que se deixa enganar pela sua harmonia de Água-Viva. . .

Não viverá até ao instante de morrer!

Ninguém deve abrir o coração para o que é. . .

Os Felizes. . . os Triunfadores, são aqueles que passam pela Existência na quadriga doirada da Quimera, bebendo o perfume lavado das alturas, na vertigem deslumbrante da Ascensão!

Eles chamam-se Poetas. . . Loucos. . . Magos. . . Visionários. . . e o número de suas Vitórias nunca chegará a ser contado!. . .

Porque não se contarão nunca as estrelas da Via-Láctea. . .

**POEMAS
DISPERSOS**

MINHA ILHA

Bendita sejas pelo tempo afora,
Ilha do meu Amor! Meu verde altar,
Onde a minha alma ajoelhada ora,
Com a contrição de quem vai comungar.

Em ti exalto a imagem do meu lar;
O casarão em que a saudade vela,
A contemplar além, beijando o mar,
A silhueta azul do Cambirela.

E canto as formas túmidas, redondas,
Dos teus morros bordados de esplendores!
A cidade que sonha, ouvindo as ondas,
E os meus velhos amigos pescadores!

Ilha do meu Amor! Bendita sejas,
No que tu mostras e no que sugeres!
Na serena postura das igrejas,
E nos olhos castanhos das mulheres!

E bendito o teu céu cor de safira
E o teu agreste corpo de esmeralda!
E o mar, que em torno a ti de amor suspira,
E lábaros d'espuma ao sol desfralda!

E bendito o teu povo de praiheiros,
Que constrói ele mesmo o seu casal;
E fala a velha língua dos tropeiros,
Como falava o avô de Portugal!

Cerro os olhos e vejo na lembrança
O que tu tens de belo e de lendário:
Um regaço de praia onde um barco descansa.
Sob as ramas de um cedro solitário!

Ou então uma fonte, um caminho, um telhado,
Docemente a surgir nos braços do arvoredo,
E refolhos de mato abobadado,
Com chilreios, e sombra, e perfume, e segredo!

OFERENDA

Ilha do meu Amor! Por ti palpita
O mais apaixonado coração!
Tu és a minha verde Sulamita,
A luz do meu olhar e a minha devoção.

("República" — 09/12/1923)

CANTIGAS ILHOAS

I

Cantiga da minha vida,
Cantiga do coração!
Apenas por mim sentida,
Nas horas de solidão. . .
Cantiga da minha vida,
Divina consolação!

Coitada da entrevadinha,
Que no caminho encontrei!
Tão velha, tão pobrezinha,
Que até de pena eu chorei.
Coitada da entrevadinha,
Que só me disse: "Não sei!"

Morreu-lhe a mãe, coitadinho,
Na noite em que ele nasceu!
Ficou sozinho no Mundo
E só — no Mundo cresceu!
Morreu-lhe a mãe, coitadinho,
No dia em que o pai morreu!

No cálice da madrugada,
Eu vi a rosa de Pã!
Tão linda, e toda orvalhada
Como uma deusa pagã. . .
No cálice da madrugada,
Eu vi a flor da manhã!

(Revista "Terra" — maio/1920)

CANTIGAS ILHOAS

II

Meu amor partiu para a guerra,
Quando o meu filho nasceu.
Fiquei sozinha na terra,
Porque meu filho morreu.
Meu amor partiu para a guerra,
E já de mim se esqueceu.

Mas levo sempre a pensar
Que tudo foi Deus quem quis.
E sorrio, sorrio a lembrar
O tempo em que fui feliz!
Mas levo sempre a pensar
— Maria! Por que sorris?

E fico, então, para um canto,
A desfiar hora e hora.
Choram meus olhos, enquanto
Cigarras cantam lá fora!
E fico, então para um canto,
Rezando à Nossa Senhora!

("República" 26/06/1921)

CANTIGAS ILHOAS

III

Como a cigarra vadia
Eu cantei de olhos no céu.
E cantando noite e dia
Ninguém, ninguém me entendeu.
Como a cigarra vadia,
Meu coração já morreu.

Agora no seu lugar,
Geme e chora uma velhinha,
Que vive sempre a fiar,
Toda branca e curvadinha.
Agora, no seu lugar,
A saudade está sozinha.

E o floco que vai fiando
É feito dessas cantigas
Que eu fui na vida espalhando
Pelas estradas antigas.
E o floco que vai fiando
Fere-lhe as mãos como urtigas!

Mas o sangue que goteja
Das suas mãos engelhadas,
Caindo n'alma floreja
Em roseiras encantadas;
Mas o sangue que goteja
Deixa as mágoas consoladas.

("República" — 20/04/1923)

CANTIGAS ILHOAS

IV

À doce luz que desmaia,
Por sobre as ondas do mar,
O velho cedro da praia
Parece um monge, a rezar!
À doce luz que desmaia,
Um vulto passa a cantar!

E canta a linda canção
Dum passarinho doirado,
Que um terrível furacão
Destruiu o ninho amado.
E canta a linda canção
Dum pobre ser torturado.

("República" — 08/03/24)

CANTIGAS ILHOAS

V

Cigarra d'asas de renda,
Perdulária da canção,
Verde folha duma lenda
Que o outono atira ao chão!
Cigarra d'asas de renda,
Voz alada do verão!

Chegaste! E quanta alegria
O teu canto espalha no ar!
Até parece que o dia
Se ajoelha a te escutar.
Chegaste! E quanta alegria
Vem teu canto despertar!

Mas é breve a tua sorte,
Que se desfaz como os ninhos!
Vem o frio e vem a morte,
e rolas pelos espinhos.
Mas é breve a tua sorte,
Flor de canto dos caminhos!

A fonte vive rimando
Cantigas claras, joviais.
Que linda fonte cantando,
Por sob os teus roseirais!
A fonte vive rimando:
— Não te queixes nunca mais!

Desceu sozinha dos montes,
A cantar, sempre a cantar.
Se tens mágoas, não mas contes,
Que pode a fonte chorar!
Desceu sozinha dos montes,
Sempre alegre, a borbulhar!

Não chores, fonte da estrada,
Não te voltes para trás.
Canta sempre, deslumbrada,
Cantigas claras, joviais!
Não chores, fonte da estrada,
Não te queixes nunca mais!

Sois bem irmãs das aranhas,
Rendeiras do Ribeirão!
Tramando teias estranhas,
Pra prender meu coração.
Sois bem irmãs das aranhas,
Tecendo espumas em vão!

Os fusos dos vossos dedos
Quanta vez tecem cantando,
Enquanto tristes segredos
Aos poucos vão vos matando!
Os fusos dos vossos dedos
Bailam e cantam sangrando.

Por isso as rendas de linho
— Espumas tristes de luar! —
São os perfumes do espinho,
Vossa vida a rasgar!
Por isso as rendas de linho
São todas vós, a penar!

Saudade é Dor meiguiceira,
Carpida na solidão.
Espinho de laranjeira
Cravado no coração!
Saudade é Dor meiguiceira
Que vem à boca em canção!

É toda a vida da gente
Num sonho azul que se esvai.
Poeira resplandecente
Que do passado nos cai. . .
É toda a vida da gente,
Que se resume num ai!

Nasci na concha redonda,
Num dia de vento sul.
Foi minha mãe — uma onda.
Foi meu pai — o céu azul.
Nasci na concha redonda,
Batizou-me — um deus exul!

("República" — 11/02/1923)

POEMAS DA MINHA ILHA

A Ivo d'Aquino

Torres de S. Francisco! Velhas torres,
Cheias de lenda e de tranqüilidade,
Como dois braços pétreos da cidade,
Para os homens pedindo a Deus favores!

Nada perturba a expressão severa,
A ascética postura e o sossego
Dessas torres velhíssimas e sujas!
No rumor de luz da Primavera,
E o trissar hediondo do morcego
E o chirrio agourento das corujas!

Sua legenda é a imagem de Destinos
Que vão subindo iguais e iguais sonhando,
E as mesmas canções ambos cantando,
Nas baladas helênicas dos sinos!

Nestas noites de vento e de geadas,
Ao calor do meu lar as rememoro,
Tão sombrias e mudas, engolfadas,
Na solidão da rua Deodoro!

("República" — 28/12/1919)

VERSOS DO MEU EXÍLIO

Para a emotiva e pura alma de Altino Flores

Sinos de minha Terra! Éreas flores de Lis!
Imaculadas flores de Maria!
Eu quisera escutar-vos, noite e dia,
Para ser mais Feliz!

Quanta vez vos recordo em repiques festivos,
Ou plangentes de mágoas, tristes e sentidos!
É que vos tenho ainda dentro dos ouvidos,
Como os cantos do mar nas valvas redivivos!

Sangra o Sol, a morrer, num Gólgota profano,
Coroadado de azul, ungido de verbena!
Erra em tudo o esplendor do verso mariano
Dos salmos que entoais nas tardes de novena

E vem depois o Inverno. . . a paisagem encanece,
E fica, erma, a viver o sonho das neblinas,
Dentro, então, da bruma, essa música parece
Um coro ritual de monjas ursulinas!

Sinos de minha Terra! Éreas flores de Lis!
Imaculadas flores de Maria!
Quem pudera escutar-vos, noite e dia,
Para ser mais feliz!

(República" — 14/12/1919)

NO EXÍLIO

Como é triste o Inverno nestes dias
De névoas lentas e sombrias!
A luz é pardacenta,
Fumarenta,
E cheia
Da melancolia enervante, sonolenta,
Que o dia monótono semeia!

Imóveis, espetraais, as árvores vazias,
Transidas de solidão,
Dentro das neblinas frias,
Erradias,
Crescem, e assemelham-se
A garatujas feitas a carvão.

As cores esmaecem, se apagando,
Nesses tons de camurças esgarçadas
Que, descendo do céu e caminhando,
Deixam manchas de sombras pelo chão.

Como é triste o Inverno nestes dias
De névoas lentas e sombrias!
Uma aragem gelada que trespassa,
Como pontas finas de punhais,
Condensa vapores nas vidraças,
Gelando as gotas d'água nos beirais!

E a paisagem friorenta,
Cismarenta,
Esbatida entre a gaze fumacenta,
Quem a deforma, adelgaça e a esfarela,
Parece
Uns debuxos manchados em flanela.

Uma estranha saudade me adormece,
Ao calor amoroso do braseiro,
Onde uma chama, trêmula, desmaia.
E sonho a dança verde das ondas sob o sol,
Que transforma as espumas num chuveiro
De aljôfares e rendas, pela praia!

E revejo as manhãs de casto sol,
Quando os montes no mar são mais azuis,
E os cantos clarinantes, cristalinos,
Das cigarras, dos pássaros, dos sinos
Parecem a vibração da própria luz!

Como é triste o Inverno nas montanhas,
Com esses céus de chumbo! e as talagarças
Das brumas lentas e estranhas!
E as cordoveias d'água, como açoites,
Batendo nas paredes, nas vidraças,
E arfando,
Latejando,
Dentro da solidão negra das noites!
E a neve a bailar como sombras em bando,
E o minuano dolorosamente,
Desesperadamente,
Pelas frinchas, pelas árvores, guaiando!

("O Estado" — 29/12/1957)

AS FALAS DAS AREIAS ·

Oh! Alvos cômoros de areias
Exilados na Lagoa,
Qual a dor que vos anseia
Para andardes sempre à toa?

Que tortura vos enleia,
E dentro de vós reboa,
E à luz do dia se alteia
Em giba que se amontoa?

E os cômoros que me escutaram,
Subindo à escada do vento,
Vieram a mim e falaram:
— Nós somos como a criatura,
Mudamos todo o momento
Em busca a uma ventura.

MARINHA

Desce, lento, o crepúsculo do ar.
Longe, impreciso, o vulto de uma vela
É um risco de giz a se apagar.

Há um crespo fulgor de opala e turmalinas,
Por sobre as águas trêmulas do mar!

Ao fundo da baía, enorme, o Cambirela,
Com atitudes plásticas e estranhas,
Embrulha-se num manto de neblinas,
Para dormir o sono das montanhas!

Nenhum rumor esgarça o silêncio de plumas,
Dentro da sombra azul em que mergulha a vida!

Somente o borbulhar molhado das espumas,
É que em manchas de rendas se desfaz;
Tem uns anseios de água mal contida
Roçando as pedras ásperas do cais.

.....
Mas, estranha, enervante, singular,
A noite baixou!
— Como a noite entristece a todos nós!

A cidade repousa. Sobre o mar,
Entre as luzes esparsas dos faróis,
Veio a nódoa da lua espadanar.

(1936)

A LUA E A PONTE

Dorme a cidade junto ao mar tranqüilo,
Onde nadam reflexos em cardumes
E ondeiam sombras efêmeras e estranhas.
Em torno oscilam os longos fios de lumes
Como os festões de um vago peristilo.

É tarde. A noite busca o abrigo das montanhas;
E o vento arisco espalha e amadurece
As maresias verdes do canal.

Passa um grande barco de altas vergas em cruz.

E enorme, redonda, a lua cheia parece,
Entre as duas torres da Ponte Hercílio Luz,
Um luminoso gongo de cristal.

("O Estado" — 09/07/1957)

ELEGIA DA NEVE

A Francisco Fagundes

A neve baila em passos de algodão
E paira, e treme, e adeja, e voluteia,
E cai, depois, serena, sobre o chão!

É cinza o céu, com laivos cor de areia,
E as árvores, tranqüilas,
Com véus de tule branca sobre os braços,
Guardam sonhos de verde nas pupilas,
E glorificações de sol, pelos espaços!

Não passa no silêncio um sopro de existência!
Somente um solitário pássaro friorento,
Tristonho e arrepiado,
De vez em quando pia o seu lamento,
Da beira de um telhado.

É a saudade, talvez, da companheira,
Que o punge e que o maltrata.
Recordações de Amor, em manhã soalheira,
Quando iam beber nos arroios de prata!

Nas vidraças a luz empalidece.
Tudo é branco e deserto! O dia emudeceu!
E curvo, e frio, e triste se parece
A um grande mausoléu!

Que tristeza me fere e me endolora,
E anestesia o pobre coração!

A neve, em flocos, cai lá fora,
E paira, e treme, e adeja, e voluteia,
Bailando uma ciranda de algodão!

("República" — 13/09/1923)

BALADAS DO SILÊNCIO

A Haroldo Callado

Tardes de Inverno! . . .
Tristes e desertas! . . .
De frangalhos de névoas mal cobertas!
Ante a lenta expressão dos vossos passos,
Tudo em torno parece meditar,
Na postura de quem, cruzando os braços,
Sente a vida esvaír-se, devagar! . . .

Tardes de Inverno! . . . Almas silenciosas,
Que se ferem nas tramas dos espinhos,
Derramando das chagas dolorosas
Todo um sangue de névoas, nos caminhos. . .

Eu vos sigo de olhar cheio de pranto,
Estóicas e serenas!
Como alguém que, sozinho, para um canto,
Relembra as suas penas! . . .

.....
Tardes de Inverno! . . . Lentas, enevoadas,
E cheias de moleza! . . .
Margaridas exuis, pelas estradas,
Morrendo de tristeza!

("Oásís" — julho/1918)

VELAS

A Tito Carvalho

A vela que vem, côncava e branca
Como um tímido seio de mulher!
Quanto alvoroço aos corações arranca!
Quanta alegria viça em quem a quer!

A vela que cai, imóvel na distância,
Como um ponto sombrio de exclamação!
Tristeza de quem fica, ressonância
Da saudade que foi num coração!

Velas que vêm! Velas que vão! Singelas
Como folhas, estranhas como opalas!
É o destino plácido das velas
Trazer felicidades ou levá-las!

MANCHAS

É a triste lagoa, a pobre água parada.
Só o vento consegue, passageiramente, enrugá-lhe a superfície lisa, balançar as manchas d'espumas verdes que fervem, imóveis, no seu dorso de polvo.

Quando a noite desce e os escaravelhos do campo se recolhem, alguns sapos emergem, a espiar as estrelas, sujos de lodo visguento.

E é só quando a água parada sente a sensação efêmera do movimento.

Sob o sol a lagoa adormece, entorpecida como polvo.

Apenas, de quando em quando, sobe do fundo paludoso uma bolha prateada, que rebenta na superfície morna e oleosa e fica imóvel, flutuando entre outras, aberta e úmida como a flor dos pantanos.

Tudo é deserto, infinitamente deserto, em torno da água parada!

E de tanta solidão, e de tanta tristeza, uma garça velha e suja, sobre um pé, escondendo a cabeça sob a asa, ficou tão indiferente e tão insensível que um pequeno caburé, sinistro e feio, posou-lhe no dorso para sentir, através dos seus olhos redondos e amarelos, a enervante melancolia das cousas.

(*"República"* — 02/03/1924)

BALADA DA ÁRVORE

Plantei, cheio de amor, na minha estrada
Essa árvore que o vento desfolhou,
Era linda a minha ama fatigada,
À sua sombra meiga repousou.
Toda a minha alegria enternecida
Estava nela e nela se aninhou.
Mas, veio o Inverno e a essa árvore querida
A primavera nunca mais voltou!

Bailando ao vento a copa desgrenhada,
O seu pranto de folhas derramou.
Triste pranto de mágoa resignada,
E que humilde e serena se calou.
Era tão linda a rama adormecida,
À carícia do sol que a fecundou!
Mas veio o Inverno e a essa árvore querida
A primavera nunca mais voltou!

Pelo destino plácido pisada,
A doce árvore em tédio se abismou.
O meu sonho de sombra abençoada,
Como um sonho de sombra se apagou.
Fora a verde Ventura prometida,
Que os meus olhos de poeta alvoroçou!
Mas, veio o Inverno e a essa árvore querida
A primavera nunca mais voltou!

OFERENDA

Minha pobre Ventura encanecida,
És a árvore que o vento desfolhou!
Deixou-te o Inverno exânime, despida,
E à triste solidão da tua vida
A primavera nunca mais voltou!

O BESOURO

A Mâncio da Costa

Abrindo o élitro de oiro ao sol do meio-dia,
Solta as asas de renda um besouro irisado.
E voa, num boleio em que vibra e irradia
O mistério que tem no seu corpo esmaltado.

Um prisma de cristal. . . Alada lira eólia,
Que vai deixando, após, um som no espaço, a errar.
Chamou-o, com certeza, o odor dessa magnólia,
Em cujo colo branco o inseto foi pousar.

Ei-lo, imóvel, sugando o néctar que o entontece,
Indiferente e frio. . . Um inseto qualquer. . .
Mas na carne da flor o besouro parece
Uma jóia a luzir num seio de mulher. . .

("República" — 08/09/1923)

O FUMO DO MEU CIGARRO

Do meu cinzeiro exótico de barro,
Esguio, espiralante e leve,
O fumo azul do meu cigarro
Sobe — pobre fumo nevoento e breve!

A tua espúmea ondulação de renda,
Bizarra, singular e fantasista,
Tem aparências longas de legenda,
Qualquer cousa de um verso impressionista.

Como eu te invejo a vida passageira,
— A tua vida efêmera de som! —
E essa tua panache flibusteira,
E ó teu aroma capitoso e bom!

Ao ver-te agora inquieto de repente,
Não sei porque me vem ao pensamento,
Que o meu cinzeiro é um elmo reluzente,
Com longas plumas bracejando ao vento;

E que esta mesa humílima e pequena,
Cheia de livros, autos e papéis,
Num momento se muda numa arena,
Ornada de pendões e de broquéis.

E ouço trompas altivas, e alaúdes
De menestréis, e cantos de troveiros,
E vozes de mulher, e brados rudes,
De servos e palafreiros!

E penso até que, de viseira erguida,
Eu desafio à luta quem quiser,
Alegremente aventurando a vida
Por dois olhos castanhos de mulher!

E o meu cigarro se apagou, depois. . .
E vi então como era igual e breve
Meu pobre fumo espiralante e leve,
Esta vida de sonho de nós dois.

NOTURNO

Num canto do salão, entre jarrões antigos,
O piano acordou nos lamentos de um Noturno.
Lá fora esvai-se a tarde. Os muros e os postigos
Enchem-se das brumas de um poente taciturno.

Chopin fere, febril, as teclas de marfim.
E a música dolente no salão sombrio
Evoca um leque azul de nácar e cetim. . .
A mulher que ele amou! . . A névoa sobre o rio.

Um harpejo em bemóis. . . Sobre o ebúrneo teclado,
De repente emudece o poema que o endolora. . .
Uma data, talvez, que o Noturno memora. . .
As mãos de George Sand. . . Um beijo demorado. . .
Um instante de amor vivido na Polônia,
Sob o lúpulo verde e flores de begônia,
Que passou, como passa, um aroma doirado!

.....
.....

O velho carrilhão de um relógio flamengo
Canta, sobre a chaminé, o minueto de Hal.
A vida domeceu no salão solarengo,
Onde há rosas morrendo em vasos de coral! . .

("Atualidades" — junho/1950)

DOR SEM ORLAS

Para o pecado dos homens e o luxo das mulheres.

Quando o inverno vier e vos achar sozinhos,
Sem mais consolo, ao canto da lareira,
E o vento e o frio atroz, ao longo dos caminhos,
Forem cortando a folha derradeira;

Quando o tempo esfriar o vosso ardente sangue,
E a saudade estiver mais perto de vós:
— Na triste solidão da vossa vida exangue
Haveis de vos sentir muito mais sós!

Então, mal escorrer do vosso olhar sem brilho
Esse pranto infecundo e malsinado,
Sofrendo a amarga falta do sorrir de um filho,
— Haveréis de maldizer vosso passado!

("O Estado" — 28/07/1957)

RENÚNCIA

Deixa o que tens e vive da Esperança
E dentro do teu sonho te agasalhes!
Somente é puro o Bem que não se alcança!
— Será mais belo o fruto sem que o talhes!

Não creias na Ventura que não cansa.
E a tua Fantasia — não a esgalhes.
Constrói a tua Torre da faiança
Com as mesmas Ilusões que ao sol espalhes.

Tudo farta na Vida e tudo é luto!
Esse Bem que parece te alegrar
É uma árvore e não dá fruto!

Felicidade está no desejar,
Porque se tem na vida o olhar enxuto,
quando se vive apenas a esperar!

PROFISSÃO DE FÉ

E dizem que não te amo! E falam tanto
Deste amor imortal que nos enleia,
Que eu te amo, até, os males que semeia
O vesgo olhar de inveja e de quebranto!

Ruge a insídia em redor, ruge! E no entanto
Cada vez este afeto se incendeia,
Como chama que o vento mais alteia,
E mais brilho derrama em cada canto!

Mas que importa a maldade dessa gente,
Que zune e zune em vão como um besouro,
E há de um dia cansar-se, certamente!

És para mim a luz que me extasia!
E o teu corpo — o trigal de espigas de ouro
E o teu beijo — o meu pão de cada dia.

(República" — 17/02/1924)

MISTERIOSA

A Tito Carvalho

Ela era esguia e fina, e parecia
Um vaso italiano de cristal.
Toda a gente, na rua, quando a via,
Gostava do seu vulto original. . .

Era a graça, o perfume que inebria
Dum modo estranho e sobrenatural.
E essa gente, encantada, nem sabia
Se no mundo nascera uma outra igual!

— Donde veio, diziam, flor tão rara?
Qual o canto da terra? Que cidade
O seu berço de plumas embalara?

Mas ninguém nunca soube a verdade:
Que essa flor de volúpia desatara
Num humilde casebre da Trindade!

("República" — 27/09/1923)

ESSES TEUS DEDOS. . .

A Edmundo da Luz Pinto

Os teus dedos,
Com essas unhas longas e felinas,
Que sugerem carícias e segredos,
E volúpias perversas e assassinas;
Esses teus dedos
São dez punhais de lâminas rosadas. . .

Quando imóveis, serenos, sobre um livro
Cheio de letras godas e ouropéis,
São pistilos de nácar, onde refulge o crivo
Das pedrarias raras dos anéis,
E das pétalas das unhas esmaltadas!. . .

Porém, sobre o teclado ebúrneo de um piano,
A correrem nervosos, sem cansaços,
Os teus dedos são cobras assustadas
Se agitando na ponta dos teus braços. . .

("República" — 18/09/1923)

SINFONIA PAGÃ

Vieio com a primavera e as rosas de Setembro
Essa verde alegria das folhagens.
E tímida chegou! — eu bem me lembro —
Nos rebentinhos ruivos das galhagens.

Houve um canto vermelho em toda a Natureza,
Que em frêmitos de seiva se propala.
As águas borbulharam de presteza,
Na ventura amorosa de saudá-la!

E o velho Pã, sugando os pâmpanos das parras,
Ergueu as mãos agradecendo a Ceres,
A pensar nas cantigas das cigarras
E no corpo nervoso das mulheres.

("República" — 7/04/1923)

MEDITAÇÃO

A Henrique Fontes

Nesta manhã que os ares embalsama,
Eu tenho a sensação nunca sentida
De que palpita em todo panorama
Uma Vida maior que a nossa vida.

E em vão tenta minh'alma, dessa trama,
Saber-lhe a contextura incompreendida.
Mas como a borboleta em torno à chama,
Ela se cansa e cai, desfalecida!

E sempre estranha, sempre, há de ficar
A subjetiva vida de paisagem,
Sem que a possamos nunca desvendar!

Porque a dextra divina, que a moldou,
Suprimiu-lhe a expressão da sua imagem,
Como em todas as cousas que criou!

("República" — 29/03/1923)

FLOR DE HAXIXE

A João Tolentino Júnior

Tece a trama de seda uma pequena aranha.
A trama se parece uma Rosa de Vento!
Mas a obreira de ouro, obreira de talento,
Urde já a espiral que a Rosa toda apanha.

Do abdômen a verter a filosela estranha,
Roda, avança e não pára um rápido momento!
Alto, também o sol, num vão do firmamento,
Vai tecendo, de luz, uma teia de aranha!

Ei-la agora auscultando o coração da mata,
O zumbir dos insetos, bem no ângulo de um galho,
Calma, na intersecção de mil linhas de prata.

Vendo-a, pensei rever, nos jardins de Mohamede,
Farta do seu Paxá e farta do seu serralho,
A favorita nua, a dormir numa rede!

("República" — 23/12/1919)

PARADOXAL

A Oliveira e Silva

“VAMOS! — disse a ilusão. — O mundo é largo
E em toda a parte crescem roseirais.
Deixa a saudade, esse teu canto amargo,
E essas tuas lembranças maternais!”

“Há delícias sem conta em cada pouso,
E em cada pouso o Amor a te esperar!
Vem ser feliz, meu pobre desditoso,
Que bem nenhum terás em recordar!”

E eu fui seguindo ao longo das estradas,
Sempre atrás do seu vulto enganador.
Tive os pés a sangrar, as mãos pisadas,
E nunca foi tamanha a minha dor!

— Mas, por que me tiraste da saudade?
Por que tu mentiste? — eu lhe dizia:
E ela voltava os olhos sem piedade,
A me mostrar a nuvem fugidia.

E caminhei assim anos a fio!
Mas como o filho pródigo voltei,
O peito exangue, pálido de frio,
A me acolher no lar que abandonei.

Hoje vivo de novo recordando.
E de tudo o que o Tempo me deixou,
Só me resta nos olhos, acenando,
Esse vulto falaz que me enganou!

(“República” — 28/02/1923)

DIÁLOGO ROMÂNTICO

Se eu te dissesse: — Não! Se eu te negasse
O pão do meu Amor,
E sozinho na terra te deixasse?
— Choraria de dor!

Se eu te dissesse: — Vem! há tanta luz
Rendando a ramaria,
Ao teu sólio encantado me conduz?
— Vibrava de alegria!

Se eu dissesse, fremindo como louca:
Cinge-me ao coração,
E aquece com teus beijos minha boca?
— Morria de emoção!

("República" — 11/04/1923)

MILAGRE DE AMOR

Quando a estrela da manhã, alta, subia,
Reluzindo e fremente como um guizo,
Três almas se encontraram, tiritando,
À porta sideral do Paraíso.

E a primeira bateu. E havia
Um altivo desdém nos seus gestos de mando.
— Quem bate? — de dentro perguntaram.
— Um Rei que foi na Terra poderoso!
— Que sementes divinas espalharam
As tuas mãos? — Batalhas! Valoroso,
Venci e conquistei cidades e países!

E a porta de oiro, muda, inviolada,
Como se tivesse raízes,
Fulgindo e cintilando radiosa,
Permaneceu fechada!

E a segunda bateu. E a voz harmoniosa
De novo perguntou: — Quem bate?
— Um Sábio que viveu a meditar
E longos anos passou no duro embate
Do saber. E envelheceu para criar!

E a porta de oiro, muda, inviolada,
Faiscando e fremindo como um astro,
Continuou fechada!

E a terceira bateu. E a mesma voz:
— Quem bate? — serena e doce interrogou.
— Um Poeta que sempre andou de rastro
Pela Vida e que a Vida maltratou!
— Que fizeste na terra? — Eu amei,
E pondo em cada rima aromas e arrebóis,
O meu amor em versos espalhei!

Por toda a esfera azul um canto se expandiu!

Então, rútila, resplandecente,
Rodando nos seus gonzos, lentamente,
A porta de oiro se abriu!

("Atualidades" — 1946)

O MILAGRE DO TEU NOME

Bem ao pé da parreirinha
Que o vento sul derrubou,
Havia uma roseirinha
Que o frio de julho matou.

Ninguém sabia quem tinha
Sido o cristão que a plantou,
Pois, à toa, a roseirinha
Nasceu, floriu e murchou. . .

Mas um dia que eu passava,
— Minha Santa Milagreira! —
Por perto dela e cantava,

Teu lindo nome ela ouviu,
Porque logo, alviçareira,
Ficou verde e refloriu. . .

("República" — 13/02/1923)

NATAL DO CÉU

Pobrezinha de Deus, queria o seu Natal!
E, contrita a rezar, na capela da aldeia,
Suplicava ao Senhor que tanto Bem semeia
Um grão de sua Graça para o seu casal!

Não pedia, no entanto, o ouro que estonteia,
Nem que maior ficasse a leira e o seu trigal!
Pobrezinha de Deus, queria o seu Natal:
Um pouco mais de luz e azeite na candeia!

E Dezembro chegou! Veio a missa do galo,
O presépio onde havia um Jesus pequenino,
Que dois anjos do Céu baixaram a coroá-lo!

E o bom Nosso Senhor que ouvira essa oração
Da súplice mulher pôs-lhe um louro menino,
No rubro sapatinho do seu coração!

("República" — 25/12/1919)

ROMANCE

Ela passa na tarde de ametista,
Elástica, sonâmbula, nervosa. . .
Duas gotas de aroma cor-de-rosa,
Entre riscos de gaze futurista. . .

Onde vai? Ninguém sabe. . . Na modista. . .
E a amiguinha cochicha, maliciosa:
— Naquela rua estreita, silenciosa,
Onde mora o pintor impressionista! . . .

Ela passa. . . adorável. . . diferente! . . .
E na curva distante da alameda,
O seu vulto se esquissa, lentamente,

Desce a noite serena, clara e quente.
— Não te esperava! . . . Um sussurro de seda. . .
E as janelas se apagam, de repente! . . .

A VELHA FIGUEIRA DO JARDIM

Essa velha figueira,
Que na saudade vive junto a mim,
Possui a sombra mais hospitaleira
E é a árvore mais bela do Jardim.

Há na sua expressão tranqüila e doce
Alguma cousa de augural,
Como se ela fosse
Uma sacerdotisa vegetal!

Viu crescer a cidade em redor
E o sol, na praia, em profusão,
Como um perdulário messidor,
Amadurar
As mãos cheias de flocos de algodão,
Que as ondas atiraram, verdes, para o ar!

Contam que, num momento, as frondes estendeu,
Quando, num dia longe,
À sua sombra curta, extático, morreu
Um santo e peregrino monge.

E desde então essa velha figueira,
Humanizada e boa,
Guardou no ser a alma forasteira,
Que pela terra andara, errando, à toa!

Toda a culpa ancestral, assim, remiu
Nas suas folhas desnudas!
Sendo árvore infecunda, refloriu,
Como antes de Judas.

Hoje, em cada galho um braço viridente
Parece abençoar a circundante alfombra.
É que essa figueira agora sente
A glória de viver para dar sombra!

("O Estado" — 16/06/1957)

OS ONZE DO MORRO

São os onze guris vadios e esfarrapados:
Negros e mamelucos, brancos e mulatos,
Toda a fauna infantil dos becos escarpados,
Dos casebres de pau que apodrecem nos matos!

É a equipe exul do Bode! É a equipe heril dos bambas,
Que tem por chefe o Mango, um garoto safado,
Que joga numa extrema e, se perde, faz lambas,
Dá pulos e marradas como um bode alçado!

Um retalho de rua, uma nesga baldia,
Duas pedras no chão marcando o gol. . . E basta!
E entre latas e cisco a torcida vadia,
Em que avulta, a gritar, a fã nervosa e casta.

A pelota da equipe é um pomo de ironia!
Diferente da bola em gomos dos granfinos,
Que vale muito mais que o salário de um dia,
E o gringo Papai Noel não dá a tais meninos.

É a pelota de trapo, feia como um bicho!
Suja, miserável, endurecida e vária. . .
Um pedaço de meia e farrapos de lixo,
A pelota sem prol, plebéia e proletária!

Foi Mango que a enjambrou, cantando de contente:
Rija como um calhau, mais forte do que tudo!
Não há chute que a estoure, nem há mão que a estripe!

Mas aos pés dos guris tem fofos de veludo,
E quando vara o gol parece até que sente
A alegria que enlaça os moleques da equipe!

Entre a turma e a pelota há um traço que os resume:
A marca de uma origem, teia de um capricho;
Nasceram os guris em casabres sem lume. . .
E a pelota saiu de uma lata de lixo!

Desce a noite no morro. Os onze regressaram.
Sobre os sonhos sem cor da miséria que dorme
E as cinzas e os carvões das fomes que abrandaram,
A esperança constrói uma ilusão, singela!

Mas enquanto a cobiça, na cidade enorme,
As vigílias acende e as angústias sacode,
Nos casebres do morro Deus protege e vela
O sono ingênuo e puro da equipe do Bode!

COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS GRÁFICAS DA



IOESC
IMPrensa OFICIAL DO ESTADO
DE SANTA CATARINA

Florianópolis

64663

Othon d'Eça

1892: nasce, em Florianópolis, no dia 3 de agosto, filho de Nuno Gama Lobo d'Eça e de Maria Luíza Crespo da Gama Lobo d'Eça. 1912: lança a idéia de se fundar na capital uma academia de letras. 1918: publica no Rio de Janeiro o livro *Cinza e bruma* (prosa poética). 1920: com Altino Flores e Ivo d'Aquino, lança a revista mensal "Terra"; nesse mesmo ano, é criada a Sociedade Catarinense de Letras, depois chamada Academia Catarinense de Letras. 1923: inicia pelo jornal "A República", de Florianópolis, a publicação da novela *Vindita braba*; conclui o curso de Direito na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. 1926: é nomeado Juiz de Direito da Comarca de Campos Novos. 1929: viaja pelo interior do Estado; escreve um diário de viagem publicado com o título de . . . *Aos espanhóis confinantes*. 1935: recebe da Faculdade de Direito de Santa Catarina o diploma de Docente Livre em Direito Público Internacional. 1938: começa a escrever *Homens e algas* na sua casa de férias, na praia de Coqueiros. 1948: é nomeado Secretário de Estado dos Negócios da Segurança Pública de Santa Catarina. 1953: recebe o diploma de Catedrático de Direito Romano da Faculdade de Direito de Santa Catarina; viaja ao Paraguai e escreve *Nuestra Señora de la Asunción*, estampado depois na imprensa. 1957: publica, pela Imprensa Oficial do Estado, *Homens e algas*. 1965: falece em Florianópolis, no dia 7 de fevereiro; a 19 de março, a Faculdade de Direito de Santa Catarina concede-lhe, *post-mortem*, o título de Professor Emérito.